

A SEQUÊNCIA CULTURAL DA ÁREA DE SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ*

Niède Guidon

Maître de conférences da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris), Assessor de pesquisas da Fundação Universidade Federal do Piauí e Professor Visitante da UNICAMP.

Os trabalhos realizados desde 1970 na região sudeste do Piauí permitiram o estabelecimento de uma seqüência crono-estratigráfica regional excepcionalmente longa a qual servirá de base a estudos comparativos com seqüências definidas em outras regiões do país.

Essas descobertas são importantes para a arqueologia americana na medida em que demonstram a falta de fundamento das teorias sobre o povoamento das Américas. A definição dessa seqüência é também um importante passo para a delimitação das áreas culturais pré-históricas e sua evolução no tempo e no espaço.

A arte e a tecnologia são os elementos considerados no estudo das culturas que se sucederam na área arqueológica de São Raimundo Nonato. A profusão de sítios já cadastrados (244 dos quais 209 de arte rupestre) permitiu a obtenção de uma grande quantidade de dados possibilitando assim a realização de análises detalhadas as quais foram a base do estabelecimento de classificações preliminares.

Ao término de nove missões de campo podemos propor uma primeira síntese

(*) *Pesquisas feitas com o auxílio do CNPq.*

sobre as ocupações humanas da área de São Raimundo Nonato.

A mais antiga fase cultural definida foi denominada Pedra Furada e consta de quatro períodos: antigo (I), médio (II), tardio (III) e final (IV).

As características da Pedra Furada I são:

– a prática da arte rupestre documentada pela descoberta *in situ* de fragmentos de parede pintada caídos nas camadas arqueológicas; esses vestígios extremamente fragmentários não continham nenhuma figura completa. Assim, não é possível definir a temática dessas primeiras manifestações e portanto atribuí-las a uma tradição;

– uma indústria lítica caracterizada essencialmente pela presença de furadores, feitos a partir de seixos ou de lascas. A ponta desses objetos foi obtida graças a dois, três ou quatro lascamentos convergentes. Juntamente com essas peças típicas aparecem também choppers, chopping-tools, denticulados, buris, “encoches”, lascas retocadas, ferramentas duplas e os usuais detritos de lascamento. As matérias-primas utilizadas são o quartzo e quartzito.

Os níveis de Pedra Furada I apresentavam grandes fogões estruturados com blocos caídos. Nesses fogões o fogo foi acendido numerosas vezes deixando na parte central, protegida pelos blocos, grande quantidade de cinzas e carvões. O material lítico era concentrado, preferencialmente, em torno desses fogões.

Carvões provenientes de dois desses fogões forneceram duas datas 14C: 31.700 ± 830 anos BP (GIF 6652) e 32.160 ± 1.000 anos BP (GIF 6653).

No período seguinte, Pedra Furada II, a proporção de seixos trabalhados (pebble-tools) aumenta e aparecem novos tipos de utensílios líticos tais como raspadores laterais, raspadores terminais e facas. As matérias-primas são o quartzo e o quartzito.

Numerosos fogões, idênticos aos do período anterior, fornecem amostras de carvões as quais foram datadas pelo 14C:

23.500 ± 390 anos BP (GIF 6158);

≥ 25.000 anos BP (GIF 5648);

≥ 25.000 anos BP (GIF 5398);

25.200 ± 320 anos BP (GIF 6147);

26.300 ± 600 anos BP (GIF 5963);

26.300 ± 600 anos BP (GIF 6309);

26.400 ± 500 anos BP (GIF 5962);

27.000 ± 800 anos BP (GIF 6308);

28.860 ± 650 anos BP (GIF 6651).

O Período da Pedra Furada III tem como ferramentas características furadores feitos de seixos ou lascas, chopping-tools, denticulados, facas e lascas retocadas, sempre em quartzo e quartzito. Este período foi datado pelo carbono 14: 21.400 ± 400 anos BP (GIF 6160).

Pedra Furada IV, período final da fase, foi definido graças a uma série de níveis arqueológicos pobres em vestígios. As peças líticas mais freqüentes são os raspadores e os furadores. A coleção, em quartzo e quartzito, compreende também pequenos bifaces, denticulados e ferramentas duplas.

Os fogões estruturados são raros neste período. Uma data 14C de 17.000 ± 400 anos BP (GIF 5397) foi obtida a partir de carvões provenientes de um fogão construído com blocos caídos da parede. Um desses blocos mostrava vestígios de pintura vermelha.

Pedra Furada é uma fase do Paleo-Índio cujos vestígios são testemunhas de duas atividades principais: a pintura rupestre e o lascamento da pedra. O trabalho unifacial é característico da face. A percentagem de peças retocadas é muito fraca, indicando que as lascas sem retoques eram as ferramentas mais utilizadas.

As fogueiras sucessivas e a disposição dos vestígios líticos indicam que os abrigos eram freqüentados por pequenos grupos, de maneira temporária mas regular.

Em uma época compreendendo o período Arcaico começando durante a passagem do Pleistoceno para o Holoceno, os grupos humanos que habitavam a área de São Raimundo Nonato deixaram um número muito grande de vestígios, sobretudo pinturas pertencentes à tradição Nordeste (Guidon, 1975; 1980; 1984). Esta tradição compreende duas subtradições Várzea Grande e Salitre. A subtradição Várzea Grande pode ser situada cronológica e culturalmente e abrange diferentes estilos: Serra da Capivara, Serra Branca e o complexo estilístico Serra Talhada (Guidon, 1984).

Escavações e sondagens foram realizadas em vários sítios que comportam painéis do estilo Serra da Capivara: Toca do Sítio do Meio, Toca do Paraguai, Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, Toca do Caldeirão do Rodrigues I, Toca da Boa Vista I, Toca do Baixão do Perna I, Toca da Entrada do Pajuá e a Toca do Bojo I (Guidon et alii, 1980; Pereira, 1980; Rocha Silva, 1982a-1982b; Silva Rocha, 1984).

A fase Serra da Capivara ligada ao estilo do mesmo nome é caracterizada por uma indústria lítica cuja matéria-prima é essencialmente constituída por seixos de quartzo e quartzito. Raras peças, provenientes dos níveis médios e superiores da fase, são feitas em sílex ou calcadônia. A percussão era feita por percutores duros, geralmente seixos.

O retoque era na maior parte dos casos, limitado, irregular e de técnica deficiente. Mas algumas peças do período final mostram um belo retoque raso e paralelo, executado por pressão. Esses retoques são marginais mas algumas peças apresentavam retoques sobre toda a face. Serra da Capivara apresenta unicamente retoque unifacial.

A coleção lítica é composta de seixos lascados, percutores, choppers, e chopping-tools, lascas, núcleos, detritos de lascamento e peças retocadas. Estas últimas pouco numerosas são essencialmente: lascas retocadas, facas, facas de dorso, "encoches", denticulados, raspadores laterais, raspadores terminais e lesmas. Essas

ferramentas têm como forma de base as lascas, raras são aquelas feitas a partir de seixos.

Vários fogões, de forma circular e circundados por seixos, forneceram uma abundante amostragem de carvões. Outros fogões eram feitos utilizando blocos calcinados. Grandes fogueiras, sem estruturas construídas, continham cinzas e restos vegetais parcialmente calcinados.

Duas sepulturas pertencentes a esta fase foram descobertas. A mais antiga em posição fetal, dentro de uma fossa circular foi datada de 8.670 ± 120 anos BP (MC 2480). A outra pertence ao período final da fase: o corpo foi inumado em decúbito dorsal, em uma fossa retangular. A cabeça repousava sobre uma pedra chata. Sobre o corpo foram dispostos ramos e em seguida a fossa foi fechada com terra. A data $14C$ desta sepultura é 7.000 ± 100 anos BP (MC 2509). Nos dois casos uma grande fogueira foi acendida sobre a sepultura.

Além destas duas datas, dispomos de várias datações para a fase Serra da Capivara:

- 12.200 \pm 600 anos BP (GIF 4628);
- 10.400 \pm 180 anos BP (GIF 5862);
- 9.700 \pm 200 anos BP (GIF 4627);
- 9.540 \pm 170 anos BP (GIF 5414);
- 9.480 \pm 170 anos BP (GIF 5864);
- 8.780 \pm 120 anos BP (MC 2511);
- 8.600 \pm 100 anos BP (MC 2510);
- 8.080 \pm 170 anos BP (GIF 4925);
- 8.050 \pm 170 anos BP (GIF 4626);
- 7.730 \pm 140 anos BP (GIF 4629);
- 7.180 \pm 90 anos BP (GIF 4926);
- 6.990 \pm 70 anos BP (GIF 6148).

Os grupos humanos que freqüentavam os abrigos eram pouco numerosos; as ocupações eram temporárias mas seguidas o que é comprovado pela ausência de camadas estéreis na estratigrafia. As atividades (pintura rupestre, trabalho da pedra) se desenvolviam perto das paredes do abrigo ou junto dos fogões. Esses sítios eram também locais de sepultamentos.

O estilo Serra da Capivara teria portanto surgido na região de São Raimundo Nonato há cerca de 12.000 anos. Sua presença é indubitável desde há 10.000 anos e perdurou até cerca de 7.000 anos.

As escavações e as sondagens realizadas nos abrigos Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, Toca do Sítio do Meio, Toca do Caldeirão do Rodrigues I e Toca do Baixão do Perna I permitiram o estabelecimento do contexto cultural e da cronologia de algumas manifestações do complexo Serra Talhada o qual comporta vários estilos que não podemos ainda definir com precisão. Esta diversidade estilística aparece também na indústria lítica dos diferentes sítios. Assim, por exemplo, as coleções da Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada e da Toca do Sítio do

Meio são similares mas diferem das coleções da Toca do Baixão do Perna I. Essas diferenças na indústria e na arte são o reflexo de divergências culturais entre grupos aparentados.

A fase Serra Talhada, responsável pelas pinturas do Complexo, tem como característica técnica o lascamento utilizando percutor duro e percutor mole. O retoque bifacial é raro, a maioria das peças apresenta retoque unifacial feito por percussão ou por pressão. Algumas peças apresentam retoques irregulares e profundos mas um certo número de ferramentas tem um fino retoque marginal, paralelo ou subparalelo. A presença de lâminas e de lamelas de sílex e, raramente, em quartzito de grão fino é uma das características principais de Serra Talhada.

O sílex é a matéria-prima mais utilizada podendo representar até 37% das peças de um mesmo nível. O sílex, ao contrário do quartzo e do quartzito, não se encontra facilmente na região, tendo às vezes sido trazido de longe. Os raros núcleos de sílex encontrados haviam sido completamente esgotados. As outras matérias-primas são o quartzo, o quartzito e em pequena proporção o siltito e o arenito.

A indústria lítica se compõe de seixos lascados, núcleos, percutores, detritos de lascamento e peças retocadas (raspadores terminais, raspadores laterais, facas, lesmas, furadores, plano-convexos, pebble-tools, bifaces, "encoches", pontas pedunculadas, lascas e lâminas retocadas).

Os fogões da fase variam: pequenos fogões construídos com blocos caídos; fogões cercados por seixos e blocos e cujo fundo era forrado por uma pedra chata. Outros, de tamanho maior, eram formados por três ou quatro blocos fincados no solo; às vezes estes fogões foram reutilizados e apresentam dois ou três "andares" de blocos. Fogões triangulares formados por três pedras chatas fincadas ao chão completam a lista de tipos de estruturas de combustão. Às vezes fogueiras eram acendidas sobre lajedos. Grandes depressões elípticas, parcialmente circundadas por seixos e contendo cinzas, carvões, vestígios de ossos e de vegetais, estilhas e pequenas lascas de sílex caracterizam o período final da Fase Serra Talhada.

A abundância do material lítico encontrado, a porcentagem de peças típicas finamente retocadas e o número elevado de fogões são indícios que revelam uma freqüentação mais assídua dos sítios. Esta hipótese é corroborada pela quantidade de restos vegetais e animais encontrados nos diferentes níveis desta fase.

As amostras de carvão forneceram uma série de datações:

8.050 ± 170 anos BP (GIF 4625);

8.450 ± 80 anos BP (GIF 6162);

7.750 ± 80 anos BP (GIF 6161);

7.640 ± 140 anos BP (GIF 4928);

7.160 ± 80 anos BP (GIF 6438);

6.160 ± 130 anos BP (GIF 5863).

O complexo estilístico Serra Talhada é obra dos caçadores-coletores que viveram na região entre 8.000 e 6.000 anos. Durante todo este período perduram certas

características do estilo Serra da Capivara mas o período final é marcado pelo aparecimento de traços ligados ao estilo Serra Branca.

O estilo Serra Branca não pôde ser datado até hoje porque as sondagens e escavações realizadas não permitiram a descoberta de camadas *in situ*. Os abrigos deste estilo que apresentam um solo composto de sedimentos são localizados no fundo dos vales e são portanto perturbados pela ação erosiva das torrentes pluviais.

São unicamente os dados obtidos pela análise das superposições, da composição e da utilização do espaço pictural nos abrigos que possuem figuras deste estilo ao lado de painéis de outros estilos e tradições que nos permitiram propor a hipótese de trabalho segundo a qual o estilo Serra Branca é a manifestação mais tardia da subtradição Várzea Grande. Esta hipótese é corroborada pelos laços estreitos existentes entre o estilo Serra Branca e a subtradição Salitre (Ogel-Ros, 1985). Serra Branca situar-se-ia cronologicamente entre 7.000 e 5.000 anos BP. A associação sistemática desse estilo às manifestações de outras tradições, sobretudo Agreste e Geométrica (Guidon, 1984) indicaram também sua posição no fim da seqüência da subtradição Várzea Grande.

Não encontramos até o momento nas escavações nenhum indício que permita situar cronológica e culturalmente a subtradição Salitre mas a análise das superposições e das técnicas de desenho e pintura permitem que se levante a hipótese que ela é a última manifestação da tradição Nordeste situando-se entre 5.000 e 4.000 anos BP. O fato que certas composições típicas da tradição Nordeste (como, por exemplo, as composições que reúnem figuras humanas em torno de uma árvore) não aparecem nesta subtradição é um indício que reforça esta hipótese. A data de 4.290 ± 110 anos BP (GIF 5405) obtida para a Toca do Morcego pode ser válida para a subtradição Salitre.

As escavações realizadas no sítio Toca da Boa Vista I permitiram a coleta de dados que permitiram a datação da tradição Agreste. Essas escavações descobriram em certos níveis gotas de pinturas que caíram durante a execução das figuras. Os carvões provenientes de fogueiras dessas camadas forneceram uma data $14C$ de 5.090 ± 110 anos BP (GIF 5865).

A indústria lítica ligada a esta tradição é de técnica grosseira; lascamento e retoque se faziam com percutor duro. Os retoques são irregulares profundos e dispostos marginalmente. O trabalho bifacial é excepcional. As matérias-primas mais utilizadas são quartzo e o quartzito e em menor quantidade o silito. O sílex é raro. As peças mais freqüentes são os detritos de lançamento; as ferramentas são raras: raspadores terminais, "encoches" e facas.

Os dados de que dispomos nos permitem avançar a hipótese de que a tradição Agreste é obra de um novo grupo que chegou à área de São Raimundo Nonato há cerca de 6.000 anos. Por volta de 5.000 anos ele ocupava quase todas as zonas que eram antes território exclusivo da tradição Nordeste. Mas, aparentemente, os povos Agreste nunca foram tão numerosos como seus predecessores; a arte e a tecnologia Agreste são de qualidade inferior à arte e tecnologia Nordeste.

A tradição Agreste é, portanto, uma expressão cultural de povos caçadores-

coletores que viviam na região sudeste do Piauí entre 6.000 e 4.000 anos BP.

Sondagens e escavações não forneceram ainda dados que permitissem definir cultural e cronologicamente as tradições Geométrica, Itacoatiaras de Leste, Itacoatiaras de Oeste, Gongo e Gerais (Guidon, 1984), as quais aparecem também nos sítios da área de São Raimundo Nonato.

Temos já dados que permitem afirmar que a agricultura e a cerâmica aparecem na região há cerca de 3.000 anos mas nenhum indício permite ligar estes novos grupos às manifestações de arte rupestre.

Os trabalhos de escavação que prosseguem permitirão em um futuro próximo o estabelecimento de uma seqüência crono-cultural regional completa.

BIBLIOGRAFIA

GUIDON, N.

1975a — *“Peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brésil”*. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, 3. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. 174 p. il., bib.

———. 1975b — *Abris peints de la Serra da Capivara, région de Varze Grande, Etat du Piauí, Brésil*. U.R.A. n^o. 5 et R.C.P. 394. Paris: Institut d'Ethnologie. Microfiche R. 73039115.

———. 1978-79-80 — *“Arte rupestre no Piauí. Temas de Arqueologia 4, Arte Rupestre”*. Anuário de Divulgação Científica. Goiânia: Instituto de Pré-história e Antropologia. Universidade Católica de Goiás. N^o. 8, pp. 15-34.

———. 1984 — *L'Art rupestre du Sud-est du Piauí dans le contexte sud-américain. Une première proposition concernant méthodes et Terminologie*. Thèse de Doctorat d'Etat. Paris. Université de Paris I.

GUIDON, N., ANDREATTA, M.D.

1980 — *O sítio arqueológico Toca do Sítio do Melo, Piauí*. Clio. Revista do Curso de Mestrado em História n^o. 3. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. pp. 7-29, il.

GUIDON, N., FERNANDEZ LANNOT, C., MONZON, S., OGEL-ROS, L.

1980 — *“Notas sobre dois abrigos pintados da Serra da Capivara, sudeste do Piauí”*. Cadernos de Pesquisas 1. Teresina. Fundação Universidade Federal do Piauí. Série Antropologia, 1. pp. 9-52, il., bib.

GUIDON, N., MARANCA, S., OGEL-ROS., L.

1980 — *Abri Toca do Pinga do Boi, site Typique de la variété Serra Branca,*

style Varzea Grande, Brésil. Paris: Institut d'Ethnologie. Microfiche R 75 039 238.

OGEL-RIOS, L.

1985 – *La notion de sous – tradition appliquée à un site d'art rupestre: la Toca do Salitre*. Etudes Américanistes Interdisciplinaires n^o. 4. Recueil II. Paris. pp. 57-91, il., bib.

PEREIRA, M.

1980 – *Estudos Antropológicos das Sepulturas I e II da Toca do Paraguaio, Serra da Capivara*. Cadernos de Pesquisas. Teresina: Universidade Federal do Piauí. N^o. 1, pp. 57-98, il., bib.

ROCHA SILVA, J.

1982a – *L'abri Toca da Boa Vista I, un site de l'aire de São Raimundo Nonato, sud-est du Piauí, Brésil*. Paris: Institut d'Ethnologie Microfiche R 82 039 303.

1982b – *L'abri Toca do Baixão do Capim, site des soustraditions Varzea Grande et Serra do Tapuio*. Paris. Institut d'Ethnologie. Microfiche R 82 039 304.

SILVA ROCHA, J.

1984 – *A tecnologia pré-histórica em São Raimundo Nonato, Piauí (10.000 – 5.000 anos AP). Os artefatos de pedra. Tese de Mestrado*. Universidade Federal do Pernambuco. Recife. 214 pp., il., bib.